

## Apresentação

### Perspectivas imagológicas

*Celeste H. M. Ribeiro de Sousa*

A imagologia, enquanto investigação de imagens de países veiculadas em obras literárias, está presente na literatura comparada desde o início, desde que, por exemplo, Madame de Staël publica em 1800 *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*, em 1807 *Corinne ou l'Italie* e em 1810 *De l'Allemagne*, com o intuito cosmopolita da época, que era o de facilitar o conhecimento, o intercâmbio entre o eu nacional e o outro estrangeiro, embora tenha com isso, e apesar da boa intenção, criado uma série de tipificações, generalizações, estereótipos, cuja repercussão ainda hoje é sentida.

A imagologia está presente na obra de mestres da literatura comparada, tais como Hippolyte Taine, Émile Hennequin, Gustav Lanson, Fernand Baldensperger<sup>1</sup>, Paul Hazard, Jean-Marie Carré, Marius-François Guyard.

Sua existência só será abalada por René Wellek em 1958, durante o segundo congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada em Chapel Hill nos USA, quando em sua comunicação o estudioso coloca a literatura comparada, e com ela a imagologia, em crise, ao levantar problemas quanto à fragilidade teórica da disciplina, quanto à ausência de um objeto de estudo definido e de um método específico<sup>2</sup>. A imagologia seria, para ele, uma investigação exterior aos estudos literários (lembremos que Wellek era adepto do formalismo russo e do *new criticism* americano e, portanto, da análise imanente de textos literários), além do que a pesquisa imagológica incidiria sobre fragmentos de textos, sem que houvesse possibilidade de integrá-los numa unidade significativa. Embora Wellek, decididamente, tenha chamado a atenção para o exercício imprescindível da análise textual no campo da literatura comparada e da imagologia, não ofereceu, contudo, alternativas às críticas que fez no que diz respeito à fragilidade teórica da disciplina, e à ausência de um objeto de estudo definido ou de um método específico.

Nesse quesito, quem vai se distinguir é o checo Dion\_z Durisin com a publicação, em 1970, de seu livro sobre literatura comparada<sup>3</sup>.

A partir destas ocorrências, o mundo da literatura comparada vê-se, então, diante do que alguns chegaram a considerar 3 “escolas” com tendências diferenciadas, a saber, a francesa, a norte-americana e a russa<sup>4</sup>.

A imagologia, depois da “crise” desencadeada por Wellek, vai ser resgatada e trabalhada na Alemanha, sobretudo, no Departamento de Comparatística da Universidade de Aachen pelo belga Hugo Dyserinck e seus discípulos.

A presente coletânea dá ênfase, por essa razão, aos textos que este comparatista produziu sobre imagologia, entre eles: *O problema das ‘images’ e ‘mirages’ e sua pesquisa no âmbito da literatura comparada*, *As fontes da teoria da ‘négritude’ como*

<sup>1</sup> - O ensaio “Literatura comparada: a palavra e a coisa” deste autor encontra-se traduzido em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura Comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 65-88.

<sup>2</sup> - Leia-se: Wellek, René - *Conceitos de crítica*. São Paulo, Cultrix, s.d.

<sup>3</sup> - A edição em alemão é: Durisin, Dion\_z - *Vergleichende Literaturforschung*. Berlin, Akademie, 1972.

<sup>4</sup> - Leia-se: Carvalhal, Tania - *Literatura comparada*. 4a ed. São Paulo, Ática, 1999 e Nitirini, Sandra - *Literatura comparada*. São Paulo, Edusp, 1997.

*objeto de estudo da imagologia, Imagologia comparada: para além da imanência e transcendência da obra, imagologia comparada: o alcance político de uma ciência européia da literatura, Sobre o desenvolvimento da imagologia comparada, A problemática da nacionalidade vista da perspectiva da literatura comparada.*

Além destes ensaios, apresentamos outros, de outros autores, que ajudam a entender esta maneira de abordar a literatura, proposta pela imagologia, entre eles: *A imagem do outro país como objeto de estudos da pesquisa literária* de Peter Boerner, *O diferencial semântico para a pesquisa dos estereótipos nacionais* de Karl Fink, *Elementos de imagologia comparada* de Thomas Bleicher e *Nação e história: a formação da consciência nacional no início dos tempos modernos* de Thomas Rathmann. A seqüência em que os ensaios são apresentados obedece a um critério cronológico, a fim de promover, junto ao leitor brasileiro, um entendimento da evolução, um tanto atribulada, da imagologia. Os autores, à exceção de Dyserinck (pela razão já apresentada), foram escolhidos aleatoriamente, procurando-se, com isso, oferecer diversidade de perspectivas, já que os ensaístas procedem de universidades diversas - da Europa e do USA.

Começamos, então, pelo texto *O problema das 'images' e 'mirages' e sua pesquisa no âmbito da literatura comparada* de Dyserinck, publicado em 1966. Este ensaio constitui, diríamos, a primeira resposta à intervenção de Wellek no congresso acima mencionado. Dyserinck inicia por contextualizar a imagologia dentro da obra de Guyard, tecendo comentários ao capítulo "O estrangeiro tal como é visto", para voltar em seguida a Carré, e demorar-se no questionamento instaurado por Wellek em relação à pertinência do estudo das imagens de países ao âmbito da literatura comparada no célebre congresso citado. Depois das considerações feitas por Wellek<sup>5</sup>, o silêncio em torno da pesquisa de *images* havia-se tornado, por um lado, absoluto, mas, por outro lado, grupos houve que, ignorando Wellek, deram continuidade a suas investigações. Dyserinck observa que este desdobramento em nada ajudou a imagologia, porque as duas direções tomadas ficaram demasiado distantes entre si. No presente ensaio, Dyserinck mostra que, embora Wellek tivesse razão em muitas de suas colocações, não havia porque atacar tão fortemente as lacunas de Carré ou mesmo de Guyard, já que os dois estavam inseridos dentro dos avanços peculiares à época. Em contrapartida, Dyserinck defende a pertinência da investigação de *images* aos estudos literários, já que as *images* fazem parte da tessitura do texto e de seus sentidos e, portanto, exigem a análise literária imanente, reinvidicada por Wellek. Além disso, Dyserinck defende o direito do estudioso de literatura de ultrapassar o domínio do texto e de entrar em contato com outras áreas do conhecimento, tais como a sociologia, a etnopsicologia, etc. O autor enumera, em seguida, todas as razões pelas quais, o exame de *images* de um país em obras literárias pertence, sim, à literatura, recolocando, desta forma, a imagologia no âmbito da literatura comparada.

O segundo ensaio desta coletânea, de 1975, é de autoria de Peter Boerner e intitula-se *A imagem do outro país como objeto de estudos da pesquisa literária*. Seu autor começa por observar o fato de que houve até à época pouca reflexão sobre as bases que deveriam sustentar um tratamento científico das imagens de países. Retorna, em seguida, Guyard e sua intenção de, a partir de estudos imagológicos, renovar a literatura comparada do tempo, bem como melhorar as relações mútuas entre países.

---

<sup>5</sup> - Leia-se: Wellek - A crise da literatura comparada. Trad. Maria Lúcia Rocha-Coutinho. In: Coutinho, E. & Carvalhal, Tania - *Literatura comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 108-119, e Wellek, René - O nome e a natureza da literatura comparada. Trad. Marta de Senna. In: Coutinho, E. & Carvalhal, Tania - *Literatura comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 120-148.

Passa por Welck e por sua crítica à disciplina e chega a Dyserink que recupera a imagologia para os estudos literários. Em seguida, Boerner expõe sua própria opinião sobre o assunto, dizendo *que as imagens de outros países não apenas possuem um significado textual - exegético, mas também podem ser analisadas em relação a si próprias*. Ele mesmo realizou vários trabalhos nesta área, tendo chegado a algumas conclusões, como: *são os representantes da atividade literária de um povo aqueles que, consciente ou inconscientemente, juntam determinadas observações sobre outros povos e as materializam em forma de palavras*". A imagologia pode servir à interdisciplinaridade e contribuir, assim, para alargar os horizontes. *A característica fundamental de uma imagem de um outro país é o fato de ela refletir o modo como um povo ou uma parte representativa de tal povo é vista por outros povos, em especial, pelos seus principais representantes*. A imagem de um país apresenta-se sempre como um *conglomerado complexo* de opiniões várias. É possível que diferentes imagens de um povo específico coexistam, ou mesmo se tornem autônomas. Há que observar, igualmente, que a imagem de um outro país também revela, e muito, do autor e do povo a que seu autor pertence. A imagologia também compreende a investigação não só da imagem, que os outros fazem de nós, mas também a imagem que fazemos de nós mesmos. E, além disso, trabalha igualmente, com a relação existente entre as imagens de outros países e estereótipos, clichés e preconceitos. Todo o conhecimento advindo da pesquisa imagológica pode ser usado, entre outros, pelo historiador da literatura. Recomenda o autor que o exame de imagens de países seja feito com imparcialidade, no sentido de que não se deixem de analisar imagens só porque são desagradáveis.

O terceiro ensaio *O diferencial semântico para a pesquisa dos estereótipos nacionais* de Karl Fink, publicado em 1975, depois de mostrar o quanto é difícil falar de um outro povo ou país, pois sempre que isso acontece, as generalizações, estereótipos e fantasias estão presentes, o autor propõe um novo modo de se falar do outro - um modo mais objetivo. Trata-se, especificamente, da análise de estereótipos nacionais, segundo um modelo desenvolvido em 1957 por Osgood, Suci e Tannenbaum, a partir do conceito de "diferencial semântico". Faz uma digressão pelas bases filosóficas que apoiam, desde 1904, as pesquisas de estereótipos e suas definições, desde Max Weber a Carl Hempel, Walter Lippmann, e outros. Faz alguns comentários às limitações naturais existentes na aquisição do conhecimento, de onde surgem, justamente os estereótipos. O experimento que se propõe é objetivo, fácil e rápido de executar, econômico em sua aplicação e tem por meta última a construção de um atlas de culturas chamadas subjetivas. Em determinado momento de uma de suas pesquisas, chega-se, por exemplo, à conclusão de que, para o europeu, os espaços semânticos designados pelos termos "USA" e "América" são diferenciados.

No quarto ensaio *Elementos de imagologia comparada* de Thomas Bleicher, publicado em 1980, o ensaísta chama atenção para a diferença entre imagens/estereótipos veiculados pelos meios "efêmeros" de comunicação de massa e pelo cinema, e aquelas imagens/estereótipos, veiculados pela literatura, que são de longa duração e dotados de complexidade extrema. A literatura surge, deste ponto de vista, como um entroncamento de saberes vários, em que o seu estudioso tem a grande oportunidade de examinar e de estudar a inter e a intradisciplinaridade, sem deixar de mostrar suas próprias ferramentas específicas de pesquisa e de análise. É no campo da literatura comparada e da imagologia que esse intercâmbio pode ser feito com resultados promissores. Parte o ensaísta de um conceito básico de literatura, emprestado de Horst Rüdiger, que diz o seguinte: *não importa a língua em que a literatura é escrita, ela é simultaneamente regional e historicamente una e indivisível*, o que legitima também a existência da imagologia no seio da literatura. Faz um retrospecto da

presença de imagens em obras literárias e da sua interpretação, desde Homero até Stendhal, mostrando que é possível chegar a tipificações que, por sua vez, podem levar à constituição de sistemas, que ilustram estruturas de conhecimento que se encontram sempre em relação dialética com as imagens a que se referem. Tece minuciosos comentários sobre as relações antinômicas, ou paralelas, entre imagem própria e imagem estrangeira, concluindo com uma citação de János Riecz: *[A multiperspectiva do complexo de imagens] tem caráter de sistema, isto é, as posições específicas da estrutura geral dos estereótipos nacionais (...), na verdade, estão sujeitas a variações de natureza histórica, mas o sistema como tal permanece inalterado. Trata-se de um “pattern of stereotypes”, “a set of relevant variables”*. Resume a tarefa da imagologia à análise da forma literária das imagens, bem como ao exame de suas relações com a realidade e, com isso, aponta para as enormes dificuldades que daí advêm: 1. o sistema de imagens não aparece completo em um único trabalho literário, mas em recortes; 2. o sistema de imagens contém fatores que transcendem a análise literária. Termina por propor, tal como Dyserink, que se desideologize a imagologia. Afinal, as imagens são configurações literárias de formas de vida e, portanto, dizem respeito ao homem, tanto ao sujeito que as cria, quanto ao indivíduo que as lê e, assim, nunca podem ser recebidas como valor absoluto. Requerem interpretação imagológica. Este tipo de interpretação é minuciosamente dissecada pelo autor que, através dela, mostra como a imagologia se coloca a serviço do entendimento entre os povos.

O quinto ensaio *As fontes da teoria da ‘négritude’ como objeto de estudo da imagologia* de Hugo Dyserinck, publicado em 1980, examina a chamada teoria da *négritude*, vendo-a como uma espécie de racismo com sinal invertido, embora muitos na Europa a tenham considerado *como uma das manifestações mais importantes do processo de desenvolvimento de uma autoconsciência dos povos africanos e do fortalecimento de sua própria personalidade*. Para explicar esse ângulo de observação, o ensaísta vai buscar apoio à comparatística, ou mais precisamente, à imagologia que, desde Louis-Paul Betz<sup>6</sup>, tem como objeto de estudos as relações internacionais na literatura. Dyserinck passa em revista, neste ensaio, o modo como o negro foi visto na Europa desde o século XVIII até o século XX: *por um lado [...] uma imagem negativa [...], claramente sob a influência do pensamento racista em evidência, que se manifesta sobretudo na literatura de viagens e na literatura especializada; por outro lado, uma nova imagem negrofílica, com características filantrópicas, que aparece principalmente na literatura, como uma espécie de contrapeso ao colonialismo. E, finalmente temos a moda da África na primeira metade do século XX [...]. Um ponto alto desta moda é o surrealismo [...]*. Na análise da teoria da *négritude*, o autor parte, portanto, dos bastidores em que se processou a construção das imagens a serem analisadas. Esta análise mostra que a teoria em pauta deita suas raízes na transformação de várias heteroimagens, transformação essa que acaba desembocando na construção de uma autoimagem, montada por jovens intelectuais africanos, entre eles Léopold Sédar Senghor que, tendo estudado na França dos anos 30, *apoderaram-se aí de uma imagem da arte e da cultura africana enquanto mundo do “emocional”, do que é “jovem”, etc., uma imagem que tinha sido desenvolvida pela vanguarda francesa e europeia em oposição ao pensamento positivista do século XIX [...], aceitaram essa imagem, na medida em que nela, em parte, se “reconheceram” [...], construindo, a partir desse todo, uma teoria que logo assumiu o caráter de visão de mundo*. No entanto, por detrás deste processo, outros, a este ligados, vão sendo desentranhados pela análise

<sup>6</sup> - O ensaio “Observações críticas a respeito da natureza, função e significado da história da literatura comparada” deste autor encontra-se traduzido em: Coutinho & Carvalhal - *Literatura Comparada. Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 44-59.

imagológica de Dyserinck.: um processo de transformação de heteroimagens em autoimagem embutido no *Sturm und Drang* alemão, especialmente em Goethe, conhecido e admirado por Senghor, enquanto conscientização nacional, por parte da Alemanha que, assim, achava sua identidade opondo-se ao racionalismo francês. Dyserinck ainda refere outras fontes alemãs presentes na teoria da *négritude*, como é o caso Frobenius - um etnólogo alemão que escreveu uma história cultural da África, publicada em 1933. O processo de criação da identidade africana passa pela transferência e adaptação de um outro processo similar ocorrido anteriormente na Alemanha.

O sexto ensaio, também de Dyserinck, intitulado *Imagologia comparada: para além da imanência e transcendência da obra*, publicado em 1982, como o título indica, concentra-se nas possibilidades do trabalho imagológico que se colocam além da análise intrínseca e extrínseca do fenômeno literário. Na verdade, o fulcro que move a comparatística e a imagologia está além da preocupação com o *literariamente intrínseco e extrínseco*, embora esta preocupação não seja de modo algum descartável e descartada. O fulcro que move a comparatística e a imagologia assenta na análise da experiência do que é estrangeiro. A comparatística e a imagologia reconhecem fronteiras políticas e fronteiras de expressão literária. Assim, *a análise comparativa das imagens de outro país, considerando-se respectivamente a experiência com o estrangeiro, que ultrapassa fronteiras, não pode mais ser feita de um ponto de vista, que persegue o objetivo de completar, em primeiro lugar, o conhecimento da obra de um determinado autor - e com isso também a história de uma literatura específica. Ela deve muito mais ser acionada - e justamente no que diz respeito à consciência da importância que as fronteiras têm para cada literatura específica - de uma perspectiva especificamente supranacional. Ou seja, as imagens devem ser vistas para além de sua ligação primária com sua área de origem na respectiva literatura nacional, isto é, sempre em sua função multinacional, - e cada vez mais levando-se em conta as diversas perspectivas "nacionais" e sem a menor supremacia de uma delas.* Reconhecem-se, então, as estruturas imagotípicas, normalmente ligadas a contextos políticos que ultrapassam o literário, mas que só são passíveis de ser atingidas através da análise imagológica. A imagologia comparada promove, assim, a desideologização das imagens, enveredando pelo questionamento de seu *status* ontológico, ou seja, pela problemática que envolve a representação. Dyserinck termina o ensaio dizendo: que a imagologia comparada *trabalha com um determinado tipo de objetos, que também podem funcionar fora da literatura e do seu contexto; que a imagologia comparada, num campo de pesquisa interdisciplinar maior [...] tanto pode investigar problemas interculturais, como pode encontrar sua realização até em um exame geral da problemática das nacionalidades; que a imagologia comparada não deve investigar as imagens somente com o objetivo de superá-las; mas devem-se questionar as necessidades especiais do homo politicus a que se encontram ligadas; que a imagologia comparada também deve examinar as respostas dadas juntamente pela estranha e estreita ligação existente entre os processos imagotípicos e a literatura lato sensu.*

No sétimo ensaio, *Imagologia comparada: o alcance político de uma ciência européia da literatura*, publicado em 1988, Dyserinck aprofunda a visão que tem do assunto. Num esforço de divulgação e de defesa da legitimidade dos estudos de imagologia, enquanto modalidade de investigação literária, Dyserinck retoma primeiro questões já discutidas em ensaio anterior para, depois, entrar na especificidade do trabalho comparatístico entre as diversas literaturas específicas, ou literaturas de expressão lingüística específica, em especial no que se refere à imagologia *como ramo mais avançado de uma "littérature comparée"*, antecipando a mudança de *paradigma*

*de um modelo de pesquisa da produção para um modelo de pesquisa da recepção.* Dyserinck chama a atenção, neste ensaio, para o fato ainda pouco reconhecido, inerente aos estudos de imagologia comparada, qual seja, o seu alcance político. Discorre, em seguida, sobre as pesquisas desenvolvidas no âmbito do Departamento de Comparatística da Universidade de Aachen, que dirigiu até sua aposentadoria, para mostrar a origem ou a *legitimidade dos objetivos políticos deste tipo de pesquisa literária*. Oferece exemplos da literatura belga de expressão francesa. Afirma a necessidade do uso de uma perspectiva supranacional no trabalho de comparação entre duas ou mais literaturas específicas, relativizando o que se entende como características nacionais ou *modelos de pensamento nacionais*. Toca no problema das heteroimagens e de sua ligação com a formação da consciência nacional, que *nada mais é que um certo modo de formação de autoimagem*. Usa a teoria da *négritude* como ilustração do poder dos imagotipos. Termina por comentar as limitações inerentes ao estudo comparatístico e esclarece que isso não constitui motivo para não se reconhecer validade a tais estudos.

No oitavo ensaio, também de Dyserinck, *Sobre o desenvolvimento da imagologia comparada*, surgido em 1988, o autor retoma a necessidade do emprego do que chama de perspectiva supranacional nos estudos de imagologia comparada e insere a idéia de *neutralidade cultural*, como outro pressuposto para o trabalho comparatístico, idéia que vai buscar a Georges Devereux. Advoga a independência inequívoca entre estudos de imagologia/literatura comparada, no que concerne ao método e ao objetivo de tais estudos, separando-os das diversas filologias que, no passado, se emiscuiam nos estudos literários e nos estudos de literatura comparada, quando esta disciplina apenas admitia a comparação entre obras de apenas uma literatura específica, como era o caso da literatura comparada francesa. Adverte que as perguntas que a imagologia hoje se coloca são: como se vêem os povos uns aos outros e o que se pode aprender dessa rede de imagens e de suas repercussões para fora das fronteiras da literatura, para melhorar os mecanismos que regem as relações multinacionais e mesmo internacionais. Oferece ilustrações tiradas de pesquisas realizadas no âmbito das literaturas produzidas por regiões de fronteiras móveis entre o próprio e o estrangeiro, como é o caso dos Países Baixos na Europa, reconhecendo que, embora a imagologia utilize o material literário como fonte de suas investigações, não lhe cabe resolver questões referentes à identificação da natureza da literatura.

O nono ensaio, igualmente de Dyserinck, *A problemática da nacionalidade vista da perspectiva da literatura comparada*, veio a lume em 1989. Neste texto, o ensaísta começa por afirmar que os conceitos de “povo”, “nação”, “estado”, nem sempre tiveram o significado que hoje lhes damos, ou seja, o significado de sentimento nacional. Este significado surgiu com o Romantismo, foi veiculado sobretudo pela literatura e, até hoje, mostra-se arredo a ser delineado com clareza. O despontar da consciência de que existiam/existem diversas culturas na Europa, bem como o estabelecimento de várias nacionalidades deram origem, por seu lado, à necessidade de se fazerem comparações entre as variadas literaturas específicas, para se detectarem semelhanças, diferenças e relações entre elas, necessidade a que Jean-Marie Carré chamou de *l'étude des relations spirituelles internationales*. Mme de Staël teria sido a primeira a desenvolver uma teoria das diferenças entre as literaturas do norte e as literaturas do sul, diferenças entre a Alemanha e a França, dentro de um contexto maior que seria o *esprit européen*. Descobriu-se, depois, que a pesquisa de supostas diferenças entre literaturas específicas poderia relativizá-las e, mesmo, levar a um melhor entendimento entre os povos. Era preciso, pois, criar um método adequado de trabalho que viria a basear-se na obediência a uma perspectiva supranacional e à aquisição de neutralidade cultural. Paul Hazard foi um dos primeiros comparatistas a mostrar com clareza o que se deveria entender por

perspectiva supranacional: em resumo, seria uma perspectiva européia abrangente, em que caberiam todos os países da Europa. Paul van Thiegem também trabalhou com este conceito e, mais tarde, Ernst Robert Curtius. Assim, *no estudo dos testemunhos culturais produzidos pelas pessoas de uma determinada região, ou de um determinado país, (isto é, na língua da região em tela), o importante era ir em frente com uma posição desprovida de influências do sentimento patriótico, próprio da região em pauta, e sem compromissos com categorias históricas de valores ou com classificações válidas apenas para a citada região. Em outras palavras: a perspectiva supranacional, aqui discutida, era pura e simplesmente uma outra perspectiva, diferente da nacional-filológica que, de fato, compreende muito claramente uma combinação do pensamento literário com o histórico-cultural nas categorias da “própria” tradição.* Neste caso, a literatura comparada vai buscar um paralelo às ciências da religião. Depois da Segunda Guerra Mundial, a imagologia, dentro da literatura comparada, veio também contribuir para relativizar a imagem de outros países e mostrar que só é possível ter uma consciência nacional (uma autoimagem) no confronto com o conhecimento do outro (heteroimagens). Ilustração exemplar deste processo de relativização do conceito de nação encontra-se no espaço “Benelux”<sup>7</sup>.

O décimo e último ensaio desta coletânea, de 1993, é de autoria de Thomas Rathmann e tem o título *Nação e história: a formação da consciência nacional no início dos tempos modernos*. O ensaísta resgata aqui o primeiro texto - de 1492 - do alemão Celtis que, *junto com a Reforma, contribue, de forma definitiva, para o desmantelamento da cultura “comunitária” européia da Idade Média.* [...] Trata-se de um texto em que, “no nascimento da identidade germânica”, se pode observar um caso de “transferência”, a partir da Antigüidade Clássica. *De fato, Celtis atrela os portadores de soberania a seu conceito de “natio” (“translatio imperii!”), porém, o momento fundador de unidade é de natureza cultural, ou melhor, histórica.* A discussão em torno da “teoria da transferência” torna-se mais intensa quando o livro intitulado *Germania*, escrito pelo romano Tácito sobre os germanos, se torna conhecido na Alemanha. Afinal, a identidade germânica passa a ser obra de romanos!

O ensaísta faz um sintético retrospecto da evolução do conceito de história, reportando-se a Petrarca, para quem a história, para ser eficaz, *deveria [levar] em conta a adequação lingüística ou, em outras palavras, a dignidade da língua, ou seja, o problema consiste em representar os fatos legados, como eles assim o exigem, pois cada uma dessas representações, que não corresponda aos fatos, haverá de transformar, de dar outro sentido, de corromper, esses fatos.* Para Petrarca, o objetivo da história era apresentar os grandes de Roma. Fazer história era proceder à glorificação de Roma. Tudo o mais era silenciado. Mais tarde, Enea Silvio Piccolomini vem a confrontar a Germânia, conforme imaginara a partir das leituras de Tácito e de César, com a Alemanha sua contemporânea, *fim de ilustrar, com esta comparação, as mudanças, processadas no decorrer da história e a importância desta na evolução e relativização da “nacionalidade”.*

Em tempos de “globalização” de informações, da economia e da cultura, como são os nossos, sem dúvida, a imagologia oferece ao estudioso de literatura uma forma de participar e de interceder criticamente nesse processo, ajudando a ver com clareza a manipulação (consciente ou inconsciente) das imagens que uns países (hegemônicos) têm de outros (periféricos), e mesmo das imagens que estes países têm de si mesmos em relação aos outros.

---

<sup>7</sup> - Benelux é o nome dado ao espaço ocupado hoje pela Holanda, pela Bélgica e por Luxemburgo que, no passado já foi conhecido por Países Baixos, por Flandres, por Valônia, etc.